

BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1904

N.º 138



Phot. J. César Costello

A actriz Rosa Damasceno

† no Gradil a 5-10-1904

O seu ultimo retrato



CHRONICA

Regressou, regressa, regressará... E' um verbo que se emprega agora em todos os tempos. Toda a gente regressa; mais de perto, mais de longe, toda a gente chega, uns de Paris, outros de Cascaes, ainda outros da Alhandra, e todos veem alegres e satisfeitos de encontrar aqui o mais bello sol doirado que ha muito illumina o Outomno nacional. E' que ha uma semana faz lindo ceu muito azul, sol muito claro, temperatura muito amena.

Logo de manhã, muito cedo, parece haver trinados no horisonte: é ainda a fresca aragem da madrugada a cantarolar pacatamente a sua primeira canção. Depois, o astro rei vem subindo, sobem tambem comboios e vapores despejando na cidade visitantes apressados, senhoras que veem fazer compras e homens que veem assignar o ponto. Atravessam a cidade, imprimem-lhe uma nota alegre, e em breve desaparecem, e á noite são já outros os que passam, e a lua disportando ao longe vem lembrar-nos a todos que a aragem é tepida e que o outomno é afinal a estação por excellencia d'este bello paiz.

Ah! que se fôra só a natureza com que houvessemos de lidar, facil seria a tarefa. Mas a par d'este sol capaz de illuminar todo o mundo, d'esta serena temperatura que nos acalenta o corpo e o espirito, a par de tudo isto que nos acalenta, nos rejuvenesce, e nos embriaga por vezes, quantas desillusões, quantas tristezas!

Ainda agora nos sacode os nervos a recordação funebre d'esse grande desastre que se deu ao sul de Angola! Mas é bom que nem lhe diminuamos a importancia nem lhe exageremos o alcance. O revez soffrido pelas nossas tropas, no seu primeiro ataque ao Cuanhama é triste, é doloroso, sobretudo para os entes queridos das victimas, mas não é desesperado para uma nação. Sempre é bom que as distancias se conservem e que nos lembremos sempre que uma nação, não é este, nem aquelle, mas a perpetuidade de uma lingua e a existencia de uma bandeira!

Conta-se que no principio da guerra russo-japoneza, a cuja beca-tombé se assiste ainda, e exactamente na occasião em que se fazia soltar um navio, com um almirante e um grão-duque, de sangue real, um diplomata peninsular se dirigira gravemente á legação da Russia para apresentar as suas condolencias. O representante de Nicolau II não estava em casa, mas a ministra recebeu o diplomata, ouviu-o, e replicou-lhe serenamente.

— Sentimentos? Não sei porquê... A Russia é muito grande para se preocupar com a perda de um navio, de um almirante, e de um principe!

Não faria positivamente escola entre nós essa illustre senhora, se o governo russo transferisse seu marido para Lisboa. Nós somos um povo absolutamente sentimental, e desvairamos por qualquer coisa, a mais insignificante. E' attentar por exemplo no riso ironico com que se acolhia já as victorias d'África. Aos heroes, davamos-lhes cotação baixa, e das suas proezas nas colonias faziamos o caso que os cambistas fazem hoje das pesetas — um caso muito diminuto. De repente surge mais uma expedição ao interior da Africa, a febre de heroidade que a boa sorte das nossas armas havia enraizado na coragem de todos os nossos soldados, liga pouco caso ao acontecimento. Chega-se a metter empenho, junto do governador geral de Angola, para fazer parte da expedição, e quando dias depois, as primeiras marchas são funebremente annunciadas pelo desaparecimento de tantos soldados, o paiz agita-se, o paiz chora, o paiz indigna-se, sem se saber porquê, contra tudo e contra todos, mal pensa na vingança para se arrojor no chão lacrimosamente como qualquer creança *gated*, e pasma de uma derrota que todos os povos europeus e colonisadores teem experimentado, e da qual a nossa boa sorte até hoje nos havia afastado.

E' desolador, chega a arripar a perda de tanta coragem, de tanta valentia, de tanto entusiasmo, e de tanto patriotismo, mas cada um dos que pereceram agora, ao sul de Angola, defendendo a bandeira nacional, cahiu no seu posto, como um heroe! D'esses não se rirá pelo menos o scepticismo nacional. Mas por Deus! não antepunhamos

exagero a exagero, e desfolhando uma grata saudade por sobre o tumulto dos que morreram, ergamos para descanzo da sua alma de patriota, uma prece para que melhores dias encontrem em Africa os que para lá forem pelear contra inimigo tão traiçoeiro!

Mas não foi apenas o Exercito que soffreu n'esta ultima quinzena. A Arte teve tambem a sua perda e muito grande, tão grande, que não encontramos quem possa occupar o logar de Rosa Damaceno. O *Brasil-Portugal* presta-lhe hoje uma homenagem condigna do seu alto valor artistico; na secção theatral, o seu collaborador permanente dedica as melhores flores da sua gentileza entusiastica a essa Artista que teve o condão de nos dar a eterna mocidade; excusado é por isso aqui mais referencia a esse lucto artistico. Rosa Damaceno morreu inesperadamente, mas como artista morreu bem. Na politica e no palco, sobretudo, deve-se saber morrer, e morre-se bem, fulminado, em plena aureola de gloria. Quando se chega ao ultimo lance, o retroceder é horrivel, e sempre que se evite essa descida, morre-se magnificamente.

Já lá vão uns bons vinte e tantos annos da primeira vez que vimos no palco a Rosinha. Era na Trindade, cantava-se as *Amazonas de Tormes*, e Rosa era a Vivandeira. A impressão produzida pela mulher e pela artista foi tão inconfundivel que ainda hoje a sentimos. E ainda agora, depois de acompanharmos dentro do seu esquite, o que nos dizem ser esse corpo tão gentil e tão *mignonne*, só pensamos na Vivandeira de ha vinte e cinco annos.

O lucto parece envolver todas as classes da nossa sociedade. Depois do exercito, veiu a arte, depois da arte veem a bondade e a honra. Dois dos seus mais dilectos caudillos fugiram: Simões Margiochi e Figueiredo Mascarenhas, ambos pares do reino, e ambos homens de bem. Margiochi era tão bom, que foi mau para si, Mascarenhas era tão bom que conservando a sua grande fortuna, que lhe deu a cathegoria pittoresca de rei do Algarve, pelo menos rei eleitoral, não tinha invejosos!

Aos dois prestou o Parlamento a homenagem da sua saudade. Tambem pouco mais tem feito o parlamento do que essas exequias aos que fogem d'este mundo. Foi larga a lista em meia duzia de mezes, tão larga que chega a aterrar, ainda os mais sãos e os menos sensiveis á idéa da morte. Pouco mais se tratou nas camaras. Depois da declaração que foi para todos uma agradável surpresa, do convite amabilissimo do Rei Eduardo a El Rei e a S. M. a Rainha para visitarem a côrte da Grã-Bretanha, apenas houve um debate politico na camara dos deputados, provocado pela interpellação annunciada ao governo sobre a dissolução das camaras.

Hoje em dia os debates politicos não surtem o effeito que produziam ha uma duzia de annos, e o motivo é simples. Acontecia ao paiz o mesmo que succedia aos filhos de familia. Enquanto o dinheiro apparecia na algibeira, divertiam-se, mas mal o thesouro começou a fazer perceber a sua fraqueza, o paiz começou tambem a não se divertir tanto com a politica, e hoje, deve dizer-se em abono do bom gosto, as tiradas rhetoricas não tem já resonancia e quando muito o que logram arrancar é um bocejo! Por isso, da interpellação, com tanto brilho formulada, por um deputado que é sem duvida das palavras mais eloquentes e de maior suggestão do parlamento portuguez, o que ficou foi a resposta serena do chefe do gabinete, na qual não se sabe o que mais admirar se o encadear da logica, se a argucia do argumento. Mas se como *sport*, são ainda admissiveis essas discussões theoricas, n'uma epoca tão positiva, no fundo, acreditem todos, não logram prender em atomo da attenção publica. O que se pede, hoje em dia, ao parlamento é medidas de fomento, que transformem o paiz, medidas de fazenda, que lhe assegurem certa tranquillidade, medidas coloniaes, que deem ás nossas possessões o papel que ha muito deviam ter como cidades africanas. E tudo isto ou pelo menos uma tentativa para este *desideratum*, apresentou, forçoso é confessal-o, o actual gabinete no discurso da côrta que o chefe do Estado leu ha dias.



Rosa Damasceno em diversas peças



No *Intimo*, de Eduardo Schwalbach



O busto da actriz



Nos *Peixes Dourados*



No *Amigo Fritz*



No *Afonso VI*, de D. João da Camara



No *Socrates e sua mulher*



No *Intimo*, de Eduardo Schwalbach



Retrato tirado no Gradil

Os acontecimentos do sul de Angola — O commandante da expedição — Officiaes mortos no ataque aos Cuanhamas



Capitão de engenharia Aguiar
Commandante da expedição



Luiz Pinto d'Almeida
Capitão de artilharia



Carlos Thomaz da Luz Rodrigues
Alferes de caçadores



Alonzo Mathias Nunes
Alferes de infantaria 7



Antonio da Trindade
Aspirante da administração militar



José Maria Ferreira
Tenente do quadro de Angola



Antonio Pacheco Leão
Alferes de infantaria



Adolpho José Ferreira
Tenente de cavallaria



João Manuel da Silveira
Medico naval de 1.ª classe



Francisco de Rezende
Tenente de cavallaria



Albino Chalot
Alferes de infantaria



Alberto da Silveira Brandão Freire Themudo
Alferes de cavallaria 9



Roby Pereira
2.ª tenente da marinha



Ignacio dos Santos Nunes
Alferes de cavallaria

Dos retratos que hoje figuram n'esta pagina e que compunham a officialidade da expedição commandada pelo valente capitão de engenharia, sr. Aguiar só este sobreviveu ao revez soffrido pelas nossas tropas. Ha outros officiaes mortos de quem não lográmos obter os retratos e são elles o alferes do quadro de Angola, Manuel Francisco de Oliveira, e o alferes do quadro privativo do ultramar Luiz Bernardo Correia da Silva. Aqui ficam os seus nomes entre os que succumbiram honrando as soberbas tradições de valentia do nosso paiz.



Nos Velhos, de D. João da Camara



No Segredo de Confissão, de Lorjô Tavares



Phot. J. Carlos Gottardo

Um outro retrato de Rosa Damasceno

Tirado em maio de 1904

Sua excellencia

Se um dia eu tiver um neto, quem manda é elle. Tão certo... Parece-me que já o estou vendo: uma deliciosa esculpturasinha toda feita de folhas de rosa, por mãos de fadas. Rosas na bocca, rosas nos pésinhos. E joias espalhadas: as unhitas, como opalas, o primeiro dente uma perola!

E nós todos, os paes, os avós, as tias, de volta d'elle, a admirar-lhe perfeições, sem illusões, conscienciosamente embasbacados, com exclamações de orgulho! Refégos, covinhas, signaes, parencas, havemos de cantar o repertorio todo e de espantar com o nosso canto os tentilhões e os melros.

S. Ex.^a logo de pequenino, ha de começar a ter historia, muito apontada, muito commentada. Quando, pela primeira vez, elle entreabrir os labiositos n'um sorriso, mostrando as gengivas desdentadas, vae ser um dia de festa.

E a do primeiro dente? Essa então ha de ser falada! Parabens á mãe, parabens ao pae, e festas na barba ao pequeno, e "deixa ver, que até S. Ex.^a ha de fazer beicinho!

Então, com grande surpresa, uma vez, no rolar das syllabas hão de algumas apparecer formando sentido. E' certo, e parece que toda a casa se illumina com aquelle primeiro raiosinho de intelligencia! E todos a rirem!... Vêm depois as grandes e solemnes coleras, as lagrimas nos olhos, os punhositos cerrados. E todos de cabeça vergada, á espera que passe o temporal!

Será um neto?... Será uma neta?

Uma pequenina...! Que ternura tamanha a primeira vez que ella descerrar os labios n'um beijo mal dado, bulhento, desgeitoso! O primeiro beijo d'uma neta!...

Como, enternecidos, lhe havemos de ir, a pouco e pouco, adivinhando instinctos a florescerem, pequeninos como miosotis, mas já perfumados com violetas! O amor á boneca, primeira luz n'um coração que ha de ser de mãe, e de avó, se Deus quizer! Que lindas coisas lhe diz em tatibitati, emquanto não a esfarrapa! Depois, que importa? Se não tiver boneca, para que lhe serve a mãe? Chama-lhe sua filha, velará por ella, e, vendo a a dormir, sentar-se-ha muito devagarinho, com o dedito na bocca:

— Schut! Não façam bulha; a minha filhinha dorme!

Mas, ai de nós, que a mulher com seus defeitos não tardará a apparecer, defeitos muito grandes para que é preciso franzir auctoritariamente o sobr'olho e fazer uma cara muito feia. E, entretanto, como a pequenita será bonita com suas vaedadesinhas fingindo de mulher grande! Como se abaixará para que o vestido toque nos degrãos quando descer a escada, como saberá imitar os



D. João de Castro

Auctor do romance *Relemção*

Publicamos hoje o retrato do primoroso escriptor D. João de Castro, cujo ultimo livro saiu a lume firmon de vez os seus creditos de estylista e observador.

ademanes das visitas, abrir e fechar o leque e dizer disparates! Hão de os avós esconder se para rirem e a propria mãe criará remorsos, ensinando-lhe o minuete.

Decididamente, prefiro um neto. Dá outro orgulho á gente.

— Rapaz ou menina?

— Um rapaz.

Responde-se com a bocca cheia, e passa-se a mão pelo bigode, a disfarçar um sorriso de contentamento.

Um rapaz!

Deante d'elle, todos param na rua. Os cocheiros susteem os cavallos. E' um murmurio de admiração. Elle, todo embriuhado em rendas, segue tranquillo. Ha de ser um homem!

E toda a graça d'elle afinal é isto: ha de ser um homem! Foz pena que, um dia, n'aquellas faces macias e córadas, perfumadas como um fructo, uma ligeira sombra appareça, que ha de ser barba, talvez umas grandes barbas. Um dia, numero um para major, aquelle que ali vae encantando os olhares, ha de falar cheio de importancia, limpando a garganta do pigarro, atirando o monnuculo ás damas que passam.

Deixal-o. Defeitos, que hão de ser, agora são qualidades. Gostamos de vel-o orgulhoso do seu desembaraço, firme nas pernitias, sonhando cavallarias.

Neto ou neta, que me importa? Quero a criancinha em casa, desde manhã alvorçando a gente, desafiando os passaros com seus gorgeios. Ainda a luz do dia não entrou no quarto e já ella palra a adivinhar o dia. A musica traz á vida dos velhos um ar de festa. Mais quente o coração aquece a velhice. De quando em quando, uma traquinada, um susto. . . E a criancinha impavida no meio dos cacos! Como a seiva trepa nas crianças!

Vão crescendo, vão-se-lhe os gostos revelando. Ha as de todos os generos, impulsivas e concentradas, poetas e philosophos, umas pacientes e acateiadas, outras de cabeça no ar, estoirando ao primeiro embate.

Aquella deu-lhe para ser artista; com um lapis na mão, agarrado como um punhal, poz se, d'olho atrento, lingua de fóra, riscando no papel traços que se emmaranham e em que ella vê, maravilhada, senhoras na sala de visitas, regimentos levando a banda á frente, com os clarins sonoros, os tambores, os pratos, quanto faça bulha. Se um dia apanha a palheta d'um pintor, temos coloridas e estragadas as gravuras d'um bom livro.

Aquelle, mais crescidote, é artista n'outro genero: cultiva a arte Marialva. Desde que um dia foi aos toiros, sonha ovações na grande praça. E elle, a meio galope, todo ufano, erguendo alto o chapéu emplumado, saudando o publico.

O peor é que tudo lhe falta; mas a fantasia tudo supre. O ultimo meio tostão que lhe resta do passeio. . . Medita. . . Se ha de gastar-o no aluguer d'um burro? Dito e feito. E, montando no jericó, dá largas á imaginação. O burro encosta-se ás paredes, rasga-lhe os calções nas silvas dos vallados, e elle julga que ladeia. São as cortezias; até já lhe parece ouvir o ecco dos applausos. Depois o sonho sobe, sobe mais alto; o burro russo é um cavallo branco! Eil-o general, a mandar uma batalha; commanda a carga; os inimigos fogem derrotados! Como elle volta glorioso, n'um choutosinho prudente!

E, á noite, em casa, conta façanhas. O burro era levado do diabo, dava coices nas estrelas! As criadas velhas teem calafrios.

Que lindos sonhos á noite! E' um cavallo a galope pela alameda das olaias.

Se Deus me conceder uma neta, ha de a casa offerecer maior

socego. Até o sol, no quarto de côres muito claras, entrará mais discreto. Ha de o berço ter cortinas muito espessas, para que a pequenina possa mais tempo sonhar com o céu d'onde veio, do qual o olhar mansinho ha de conservar, ainda por uns annos, um reflexo muito suave. E na voz tambem ha de haver eccos do que ella ouviu para além do azul, trechos de melodia que ainda traga no coração, como n'um buzio se encontram, applicando-lhe o ouvido, canções do mar onde nasceu. Quando ella dormir, o respirar sereno ha de ser como o adejo fresco das azas angelicas que a trouxeram á terra. Tão bonita, tão bonita, que até nos fará devoção!

Uma neta! . . .

Mas se lôr um neto, a alegria será a mesma; talvez o sonho seja maior, de maior esplendor.

Um neto! . . . E' que um olhar mais firme, um gesto de mais definido vigor, abre caminhos mais vastos, rasga futuros mais gloriosos. A aurora é mais viva, mais ardente em côres; tem mais oiro, mais esmeraldas, saphiras mais intensas, carbunculos do maior fogo. Cresceu, susteve-se mais cedo nas pernas; ao primeiro acto de energia que lhe revelou o musculo, ergueu altivo a cabeça. Ha de ser um homem! . . . Aquillo é que ha de ser rir, a primeira vez que elle vestir calções e metter as mãos nas algibeiras, e o que todos disserem d'elle, e elle a pensar: — 'Hei de ser um homem!

Nem sabe a gente o que mais deve desejar, se a pequenina toda meiguice, toda ella ainda a rescender perfumes, que das azas dos anjos lhe ficaram n'um pollen doirado, se o garoto d'olho vivo, a brihar por entre os canudos cahidos sobre a testa, como uma estrellia em céu negro, boquita entre seria e ironica, pulso forte d'homem que ha de ser energico. Duvida a gente, que para um e outro se lhe vae o coração inteiro.

Em sonhos os vêmos, em sonhos que nos enchem de luz os primeiros cabellos brancos, em sonhos cujas imagens se movem, ora ao som d'umas harpas como não as ha na terra, ora aos hymnos festivos d'uma fanfarra doidamente alegre.

Não sabe a gente; mas decide: Quero um neto e quero uma neta!

D. JOÃO DA CAMARA.



General José Gregorio Figueiredo de Mascarenhas

Par do Reino

† em Monchique (Algarve) a 10-10-904



Francisco Simões Margiochi

† em Lisboa a 6-10-904

Officialidade do Regimento de Cavallaria n.º 2



Clichê Benoliel).

Da esquerda para a direita — 1.º plano: *Capitão Borges de Castro* — *Capitão Mello* — *Tenente-coronel Castro Guedes* — *Coronel Costa Cabral*, Commandante de Lanceiros — *Major Jacome de Castro* — *Capitão Alvim* — *Tenente Thomaz Rosa*.

2.º plano: *Alferes Nunes* — *Alferes-adjunto Edgard Cardoso* — *Tenente Oliveira Reis* — *Alferes D. Luiz de Menezes* — *Tenente Cruz e Sousa*, em tirocinio para o Estado-Maior — **S. A. o Principe Real D. Luiz Filippe**, *alferes de Lanceiros d'ElRei* — *Alferes Callado* — *Tenente Wanzeller* — *Aspirante Sá Nogueira* — *Aspirante Santos* — *Capitão-picador Alonso*.

3.º plano: *Tenente João Santos*, em tirocinio para o Estado-Maior — *Alferes Nazareth* — *Tenente Silva Reis* — *Tenente-veterinario Serra* — *Alferes D. Nuno de Noronha (Paraty)* — *Alferes Cardoso dos Santos* — *Alferes Vasconcellos e Sá* — *Tenente-medico Diniz de Carvalho* — *Aspirante Duarte e Silva* — *Aspirante Teixeira* — *Alferes Aguiar*.



qualquer coisa como uma boneca, que me declaram ser a manasi-
nha e a quem dizem que cheguei, ha dias, n'uma condecinha que
trouxeram de França.



voto de sympathia ou praga que me roga?

así hoje. Uff! cá estou n'esta cousa a que se
chama — mundo.

Os primeiros olhares investigam se sou
menina ou menino.

— Um menino! exclama um dos circums-
tantes, não sei porque, levantando-me ao ar.

Nota uma certa alegria na physionomia
de todos que me rodeiam, o que me faz crer
que os meninos estão por cá muito acredita-
dos.

E logo uma dama, de avental branco e man-
gas arregaçadas, pespega comigo dentro de
agua, creio que para ver se eu tenho vocação
para peixe.

Embrulham-me em seguida em varios pan-
nos, atam-me um lenço na cabeça, examinam-
me com todas as minucias, e ando, de mão em
mão, como se eu fóra um lindo objecto digno de
todas as atenções e curiosidades.

Uma velhota que se aproxima toca-me com
o indicador na bochecha e diz sorrindo:

— Hade chegar a ministro de estado!

Todos riem e acham graça, ao que parece,
ás palavras da velhota.

Que quererá ella dizer com isto? será um



Rechunchuda moça acalenta-me constantemente nos braços, en-
costando a meus labios uma especie de balão... captivo, onde en-
contro liquido saboroso e confortante.

Em volta de mim continuo a ver olhos muito abertos, narizes
muito espetados e a ouvir uns ahs! e uns ohs! tão impertinentes
que me dão vontade de fugir, de voltar para a obscuridade, de
onde caí na tolice de sair.

São as visitas, os visinhos, os parentes, tias e tios, primos e
primas, e até os fornecedores da carne, do pão, do leite pedem li-
cença para ver o menino.

— A boquinha é da mãe!

— O narizinho é do pai!

— E' tal qual a vóvó...

E eu... moita! sem largar o balão, que estou achando delicioso.

Cançado, porém, de ver tanta gente e de ouvir tanto ruido, os
meus olhos fecham-se, o balão despega-se-me dos labios e a moça
rechunchuda principia a balouçar-me nos braços, cantarolando
uma cantiguinha mal rythmada, mas que não deixa de me favore-
cer para a socéga.

É durmo... Durmo e sonho. Pensam, talvez, que não? Vejo-me
com uma farda reluzente, um chapéu com um bico para traz e ou-
tro para diante, a levar bordada de toda a gente... Será isto a
tal cousa de ser ministro de estado, que a velhota me prophetisou?
Macacos a mordam.

Quando acordo noto a meu lado uma rapariguinha muito linda,

Não sei bem o que quer dizer esta historia de condecinha, mas
parece-me que estão impingindo grandissima pèta á pequena.

Eu pisco-lhe o olho,
mas ella compromette-
me pondo-se a gritar
que eu piscára, e, d'ahi
a pouco, todos sabem
do meu feito.

Agrupam-se todos e
todos concordam que
eu heide ser um grande
endiabrado, um grande
finorio, um grande pa-
tusco, e mil outras cou-
sas mais que, por mo-
destia, me abstenho de
registar.





assei hoje uma boa parte da manhã junto da mamã. Ella está deitada no leito, um tanto pallida, envolta em rendas, rodeada de almofadas. Beijame com uma grande ternura e cota uma grande delicadeza como que receosa de amachucar-me alguma das feições. Ao lado do leito um mancebo de bigode retrocido, murmurava para a mamã:

— E' o fructo do nosso amor!

Fico sabendo qual é, n'este momento, a minha situação n'este mundo.

Fructo do amor! Hein? é ou não uma linda posição para um bebé que se préza?

Venho a saber tambem que a mocinha que me amamenta é a ama, uma extranha, alu-

gada para este serviço a tanto por mez.

Cabia á mamã essa missão, segundo oiço segredar, tanto mais que ella é sadia e tem leite de primeira qualidade. Entretanto, coitada d'ella! a servir-lhe-ia de estorvo para as suaz visitas, para os seus passeios, para os seus bailes e theatros, para ella, enfim, levar uma vida folgada e divertida e poder continuar a produzir fructos de amor, como este seu criado.

Ao peçoço puzeram-me uma figa e um cornicho enfia los em cordão de ouro, dizendo que é para me não dar quebranto ou mau

mente uma maçaroca com guisos... para me distrair. A principio achei graça, mas, agora, confesso que me vae aborrecendo a tal maçaroca. Foi uma grande tolice que fiz em me rir a primeira vez. Não estou acordado cinco minutos que tal espantinho me não appareça em frente do nariz. Sinto um appetite enorme de dar cabo da guisalhada. De resto tenho um grande desejo e um grande prazer em dar cabo de tudo, em fazer mal... Hoje apertei com força o nariz da ama e a cauda de um gato que puzeram ao pé de mim.

A ama levou-me a passeio ao jardim proximo. Ia toda radiante. Havia por lá muitos outros meninos e muitas meninas, uns que já andavam pelo seu pé, outros em carrinho, ainda outros, como eu, nos braços de moças garridas. Brincavam uns com uns arcos, outros saltando a corda, estes enchendo e despejando baldes de areia, aquelles atirando com bolas, e todos riam e folgavam algumas horas ao ar livre. A ama sentou-se n'um banco e d'ahi a pouco veiu um rapazote a quem ella tratou pelo *mancipal* da sua alma. Era um idyllio de amor. Para que eu não os distraisse ella desafivelou o corpete e tapou-me a bocca com o seu balão de neve, para o qual o rapazote deitou o olho gazeo como que a apetece-lhe ajudar-me na operação.

Falaram muito e ella disse muito mal da mamã e do papá, que a soldada era pequena, a casa pouco farta e que o trambolho dava muito que fazer. Desconfiei que o trambolho era eu e que a classificação não era muito sympathica.

O rapazote mais e mais se approximava, todo elle meiguices, falinhas mansas, revirando os olhos, ao mesmo tempo que lhe dava a partilhar um pataco de nozes que trazia embrulhadas n'um lenço de côr duvidosa.

Cançada a ama de me suster nos braços, offereceu-se o *mancipal* para me pegar. Mas fel-o com tanto de impericia e tão pouco de carinho, que eu resolvi berrar e vingar-me...

D'ahi a pouco o rapazote restituia-me á sua namorada, por sentir nas calças de linho do uniforme qualquer supreza que o



olhado. A proposito a ama conta historias terriveis *assucedidas* com outros meninos por causa de não usarem taes insignias.

Eu deixo-os fazer o que querem, tanto mais que ando sempre nas palminhas de todos, e sou eu, por assim dizer, o senhor da situação, a alegria da familia.

Tem-se discutido muito o nome que me hão de pôr. Vae uma confusão de ensurdecer. A velhota, a tal que se lembrou de mim para ministro de estado, insiste em que devo chamar-me Ernesto ou Luciano, ou João, o que dá logar a grandes discussões, porque uns vão por João outros por Luciano ou Ernesto e não se chega a acordo... politico.

Um tio, que é major, opta por um nome bellico. Já lembrou Napoleão, visto ninguem gostar de Epaminondas. Alguem propõe que eu me chame Vasco da Gama. A ama observa, porém, que não me encontra uma grande disposição para a vida maritima, visto que todos os dias faço grande berrata quando me obrigam a tomar banho.

E conclue:
— Quando elle se revolta n'uma tina de um metro, o que fará nos oceanos!

Alitra-se tambem o nome de Horacio, Virgilio, Victor Hugo, ao que dizem lindos nomes de poetas.

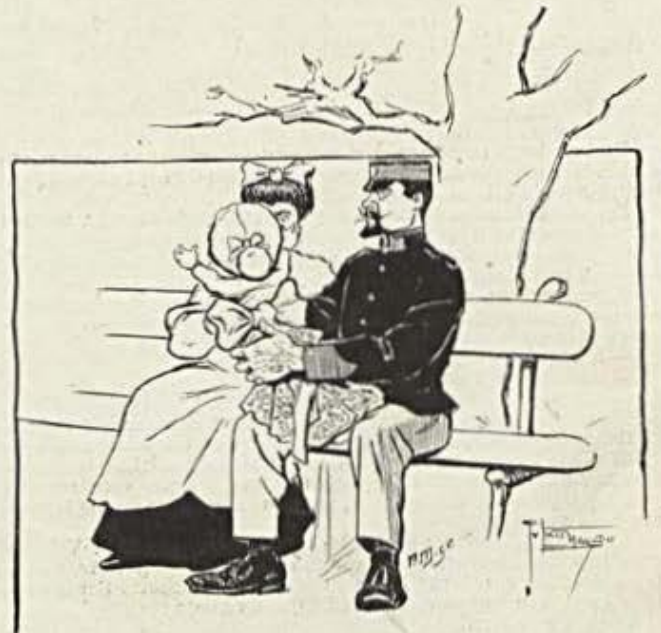
A velhota que mette o bedelho em tudo, oppõe-se, declarando que os poetas são todos uns pelintras.

Resolveu-se tirar á sorte, tal é o embaraço da escolha. Pede-se a mão de um innocente. Offereceu-se o tio major. Nas pontas dos dedos queimados pelo cigarro ergue elle um quadradinho do papel. Abrem e lê-se: José.

— Bravissimo! grita o papá, E' o nome do avôsinho.
E desde esse momento solemne eu passei a ser o Jéjé, o Zésinho, com enorme gaudio de todos, excepto do tio major que entendia fazer muito mais vista em bilhetes de visita o nome de Epaminondas.

Diante dos meus olhos a rechonchuda ama agita amiudada-

contrariava um pouco. Com um repellão e um açoite a ama fez me ver que eu devia ter mais consideração para com o exercito.



Quando chegamos a casa e a ama dava conta do passeio dizia afagando me contra o peito: é mesmo um anjinho do ceu...
O que me pareceu muito mais amavel do que o trambolho...



ou baptisar-me. Estou lindamente vestido com muitas rendas e fitas. Vae em casa um grande reboliço de festa. Matou-se um peru e fez se arroz doce, em minha honra, dizem, mas em proveito dos outros, porque elles é que hão de comer tudo. A ama vestiu um vestido novo, poz na cabeça um laçarote vermelho e lavou se pouco, pois creio que tambem tem pouco geito para Vasco da Gama.

O padrinho é o tio que vestiu a larda, ha alguns annos arrecadada, desde a reforma. Impossivel abotoal a por-completo, porque a dyspepsia

flatulenta tem-lhe abahulado o estomago. A madrinha é a D. Felismina, solteirona e proprietaria, escolha acertadissima, porque não tendo herdeiros forçados pôde lembrar-se do afilhado, ouvi dizer ao papá. Tres tipoiás da companhia estão á porta; e a visinhança anda inquieta pelas janellas para ver sair o Jéjé para a grande solemnidade.

Era meio dia em ponto, quando o cortejo appareceu á porta da rua. Debruçadas nos balcões meninas descóradas e rubicundas matronas, conversavam entre si:

- Ai, que lindo que elle vae...
- Aquelle deve ser o padrinho...
- A madrinha deve avezar massa...

Effectivamente a madrinha trajava se-

das luxuosas, muitos anneis, e um grilhão de bom pezo.

Chegados á igreja havia grande numero de esfarrapados, que se descobriam, rodeando o tio major. Lé dentro alguns curiosos, amadores d'estes cerimoniaes, que vinham deitar o luzio sobre a minha pessoa. O padre com o seu paramento rico approximou-se lendo n'um alfarrabio cousas que não percebi. Deitaram-me, então, agua pela cabeça, o que me obrigou a fazer uma de aquellas minhas beratas em que sou eximio. Puzeram-me sal na lingua, o que, francamente, não me desagradou, porque o amargo deu-me uma variante ao paladar.

Cumpridas outras formalidades deu-se por finda a cerimonia e voltamos para casa. Durante bem

cinco minutos a mamã beijou-me com um grande enternecimento, erguendo me nos braços, baluçando-me no collo, acarinhando-me as faces.

— O baptismo abriu-me appetite, observava o major meu tio. Oh comadre! vamos para a meza?

E logo em seguida abriu-se de par em par a sala de jantar, onde um opiparo lunch foi servido. Ao mesmo tempo que ia trincando croquettes e sandwiches, um cavalheiro magro, tomava notas em tiras de papel. Era um reporter, amigo da casa, que tencionava dar a co-



neutro... Este neutro causou certas arrelias, mas tudo se explicou porque o rapaz não soubera a tempo se eu era masculino ou feminino.

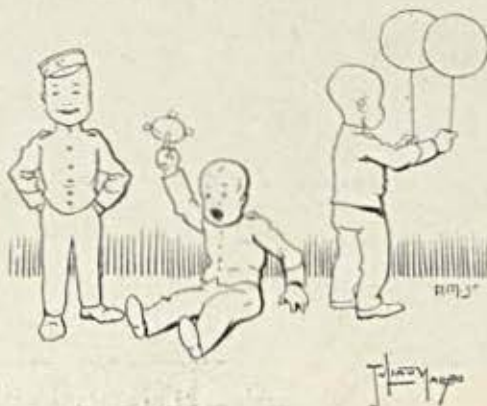
O que todos comeram não lhes posso aqui promenorisar. Foi uma derrota completa. Algumas damas mettiã para a algibeira rebuçados e bombons, umas ás occultas, outras allegando que eram para os meninos que haviam ficado em casa.

Quando estaion o champagne o tio major botou fala:

— Era com o coração cheio de alegrias (queria dizer com a barriga cheia de sandwiches) que levantou o copo para beber pela ventura dos paes e... do seu annexo! (estava já um tanto entrado, desconfiou-se). O seu maior sentimento era estar velho e não poder ver a criança de hoje, feita homem amanhã! Brindava tambem pela senhora D. Felismina (a D. Felismina esportigou-se) diante da qual se curvava (e curvou-se) pelas suas altas virtudes (e levantava o copo ali pela altura de uns dois metros) lamentando apenas que ellas não fossem perpetuadas por uma próle... por uma próle... (e pediu licença para ir lá dentro por se sentir agonizado).

Houve risos, D. Felismina muito encarniçada, abanava-se vexada.

Pelo salão fumavam alguns cavalheiros, duas meninas tocavam o Ora tae tu a quatro mãos e eu, já fatigado de tanto movimento



deixei-me adormecer nos braços da ama, que ao ouvir falar em próle pensára no seu municipal.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

O bom senso é o guarda-portão do espirito: o seu mister é não deixar entrar nem sair as ideias suspeitas.

DANIEL STERN.

O casamento é um livro que não vale o seu prefacio.

X.

O juizo é como o gelo; chega na quadra em que já se não precisa d'elle.

MARY LAFON.

Eterna Incognita

D'onde venho? Quem sou? Que faço aqui no mundo?
Porque vivo na Terra e não em Sirio ou Marte?
D'um Deus serei acaso uma assombrosa parte
Ou o antropeide vil filho do acaso, immundo?

Sei tudo e nada sei! Vasio o ceu profundo...
— Ama! — pede Jesus. — Pensa — manda Descartes.
Do formidavel X tentando vér o fundo
Noite e dia a Sciencia ás descobertas parte.

Interrogo ancioso a Natureza inteira
E indifferente e má cala-se a Natureza...
Nem um raio de sol dentro d'esta caveira...

Existencia fatal que me abate e me eleva:
Não passar d'uma torva e estúpida surpresa
E da Treva sair para voltar á Treva!

EGAS MONIZ
(Pethion de Villar)



nbeecer ao paiz e ao mundo o faustoso acontecimento. Rapaz muito amavel que já havia annunciado a *déclerance* da mamã e me havia chamado, em letra redonda, uma robusta e linda criança do sexo

Politica internacional

Desviando por momentos a vista do quadro de sangue e ruínas, que tão funebremente se está desenrolando na Mandchuria, é tempo de chamar a atenção dos leitores para outros factos, senão de tão palpitante interesse, nem porisso merecedores de passar despercebidos. Um, sobretudo, é credor de toda a consideração, pelas consequências politicas que mais tarde d'elle pôdem ad-



Monumento de Pedro o Grande

Na vasta praça que fica entre o Palácio do Almirantado e o jardim d'Alexandre em S. Petersburgo está a magnífica estatua em bronze do Imperador Pedro o Grande sobre um rochedo de quatorze metros de base e seis de altura.

O Imperador a cavallo olha para o Neva e estende a mão direita para a cidade que fundou.

A estatua tem cinco metros de altura e é obra do celebre escultor francez Falconet, que a terminou em 1775.

O monumento foi inaugurado em 1782 e custou 425,000 rublos (duzentos e sessenta contos de réis na nossa moeda).

vir, sendo além d'isso um dos primeiros resultados indirectos da guerra russo-japoneza. Referimo-nos á expedição anglo-indiana ao Thibet, e ao tratado que acaba de ser assignado em Lhassa entre o coronel Joungshusband, chefe politico da expedição, e o governo thibetano, representado pelo Tashi Lama de Shigatse, o qual por iniciativa do Amban chinês, em nome do governo de Pekin, foi investido na alta dignidade espiritual do Dalai Lama, deposto por ter abandonado a cidade santa.

O simples facto da substituição do supremo pontifice do buddhismo no sanctuario mysterioso de Potala indica claramente o significado da expedição que com tão singular exito a Inglaterra levou a cabo. O Lama deposto era o partidario da Russia, o amigo do buriata Dorjiev, reconhecido emissario e instrumento do governo moscovita. O Lama que lhe succede, é partidario da Inglaterra, e sóbe ao sôllo do lamaismo escudado pelas bayonetas do general Macdonald. Não era preciso que o gabinete de S. Petersburgo protestasse diplomaticamente contra o tratado, para se lhe perceber na Europa o alcance e a significação.

A expedição suggerida por lord Curzon e approvada pelo governo da metropole faz parte do vasto plano politico-militar, que o actual vice-rei da India com tão grande persistencia se tem esforçado a pôr em pratica. Esse plano consiste em levantar em torno das fronteiras propriamente ditas do Indostão uma cintura de defesa, constituída por uma serie de estados meo vassallos, *états tampons* conforme são conheci-

dos na phraseologia diplomatica, destinados a impedirem o contacto do grande imperio indiano com as possessões asiaticas da Russia e da França, especialmente da primeira d'estas potencias. Beluchistan, Afghanistan, Birmania e Sião já desempenhavam este papel protector. Havia no entretanto o Thibet, fronteiro pelo norte, que não só se tinha recusado até agora a servir de anteparo ao poder da Inglaterra na peninsula, senão que manifestamente enfeudado á influencia russa representava para o imperio indiano a perpetua ameaça de um perigo inevitavel. Não era facil, porém, em circumstancias normaes fazer entrar o Thibet no circulo das sentinelas avançadas de guarda á India. A Russia valendo-se do enfraquecimento do prestigio inglez na Asia, a partir do governo de lord Rosebery, conseguiu firmar de tal maneira o predomínio em Lhassa, graças sobretudo ao ascendente que o seu emissario secreto Dorjiev ganhou sobre o fraco e irresoluto Dalai Lama, que qualquer tentativa da Grã-Bretanha para modificar violentamente este estado de cousas equivaleria a um verdadeiro *casus belli*, provocando assim o conflicto gigantesco que ha tanto se previa entre os dois colossos na Asia Central.

A Inglaterra recuou perante a perspectiva de semelhante lucta, cujas consequências poderiam ser gravissimas para a propria existencia do seu imperio indiano. A guerra russo-japoneza, porém, veio proporcionar-lhe o ensejo para realizar facilmente o que n'outras circumstancias lhe teria sido impossivel. Paralyzada a Russia na Mandchuria e enfraquecido o seu prestigio na China, a nação suzerana do Thibet, ficava á Inglaterra livre o caminho de Lhassa. De principio ainda os thibetanos tiveram velleidades de se oppôr á invasão do general Macdonald, mas a tomada do *jong* de Gyantse e a severa lição, que n'esse combate os lamas soffreram, fizeram-nos encarar com mais prudencia a situação, e d'ahi por diante até á capital pôde dizer-se que a marcha da expedição ingleza foi um simples passeio militar.

Forçoso é tambem reconhecer que tanto o commandante politico como o militar da expedição fizeram todo o possivel para afastar quaesquer motivos de ressentimento por parte da população, respeitando-lhe as crencas e a propriedade, chegando mesino o coronel Youngshusband a fazer valiosos presentes de dinheiro a alguns dos mais venerados mosteiros. Semelhante procedimento habilita sempre, mas no presente momento e com tal povo habilissimo, produziu os resultados desejados, e creou a atmospheria favoravel para a assignatura do tratado, que coroou os esforços do governo anglo-indiano e deve ter enchido de legitima satisfação lord Curzon.

O instrumento diplomatico, que acaba de se assignar na Potala de Lhassa representa, com effeito, o triumpho politico mais notavel da felicissima administração do actual vice-rei da India.

Mas o que representa esse tratado, de que o *Times* já publicou a primeira versão? E' o que vamos vêr.

O texto que o grande jornal londrino publica não é o original inglez, tal como foi assignado em Lhassa, mas uma traducção do resumo em chinês, que foi telegraphado ao governo britannico. E' possivel, pois, que n'um ou n'outro

ponto haja divergencias com o diploma official. No entretanto o espi-



Sala branca do palacio de Inverno

E' uma das innumeradas e riquissimas salas d'esse palacio encantado, conhecido em S. Petersburgo pelo título de palacio de Inverno. E' sabido que os salões d'este palacio Imperial são os mais bellos de toda a Europa.

As esplendidas columnas reproduzidas na nossa gravura são de agata branca, quasi transparente, d'um effeito soberbo. As estatuas que adornam este salão encantador são *grivovorossas*.

rito geral do tratado e em grande parte a sua letra são o que está publicado.

No preambulo faz-se rapida referencia aos factos, que motivaram a expedição, e insiste-se na não observancia por parte dos thibetanos das clausulas dos tratados de 1890 e 1893, negociados entre a Inglaterra e a China, a nação suzerana do Thibet.

No artigo primeiro obrigam-se os thibetanos a restabelecer os marcos divisorios na fronteira de Sikkim, taes como se achavam preceituados nos tratados anteriores. Pelo artigo segundo são estabelecidos mercados em Yatung, Gyangtse e Gartok, para servirem de entreposto ao commercio com a India. Nos artigos quarto e quinto determina-se que, depois de combinada por accordo entre a Grã-Bretanha e o Thibet a pauta alfandegaria, nenhuns novos direitos possam ser impostos sobre qualquer mercaderia e bem assim que na estrada entre a fronteira indiana e os mercados de Yatung, Gyangtse e Gartok se não possam estabelecer quaesquer postos fiscaes. O Thibet obriga-se, além d'isso, a manter em bom estado de conservação os caminhos para facilidade das transacções commerciaes com a India.

Pelo artigo sexto estabelece-se que, tendo o Thibet deixado de cumprir as obrigações dos tratados, e havendo insultado e hostilizado o commissario inglez, terá de pagar á Grã-Bretanha uma indemnisação de sete milhões e meio de rupias, equivalente a quinhentas mil libras estrellinas. Esta indemnisação será paga em tres prestações annuaes, sendo a primeira no primeiro de janeiro de 1905.

No artigo setimo determina-se que, para dar cumprimento ás clausulas dos artigos 2.º, 3.º, 4.º e 6.º, e para assegurar por parte do Thibet a execução d'ellas, as tropas britannicas continuarão a occupar o valle de Chumbi pelo espaço de tres annos, até que os mercados acima mencionados estejam satisfactoriamente estabelecidos e a indemnisação de guerra integralmente paga. Na eventualidade do não pagamento d'esta indemnisação a Inglaterra continuará indefinidamente occupando o referido valle de Chumbi.

Pelo artigo oitavo o Thibet obriga-se a demolir todas as fortificações entre a fronteira da India e Gyangtse. Finalmente o artigo nono, o mais importante de todo o tratado e o que mais irritação está causando na Russia, diz litteralmente o seguinte: «Sem o consentimento da Grã-Bretanha nenhum territorio thibetano poderá ser vendido, arrendado ou hypothecado a qualquer potencia estrangeira; a nenhuma potencia estrangeira será permitido ingerir-se na administração e governo do Thibet ou em quaesquer negocios á mesma administração e governo referentes; a nenhuma potencia estrangeira será permitido enviar official ou particularmente quaesquer pessoas ao Thibet, com o fim de auxiliarem o governo do paiz, e qualquer que seja a forma por que prestem este serviço; a nenhuma potencia estrangeira será permitido construir estradas ou caminhos de ferro, estabelecer telegraphos ou explorar minas no Thibet. Na hypothese de que a Grã-Bretanha venha a consentir que qualquer potencia construa estradas ou caminhos de ferro, estabeleça telegraphos ou explore minas, examinará detidamente a proposta para se levar a effeito a concessão pedida. Nenhuma propriedade ou terra, contendo minerio ou metaes preciosos poderá no Thibet ser hypothecada, trocada, arrendada, ou vendida a qualquer potencia estrangeira.»

Para quem despreocupadamente lêr as clausulas d'este tratado, sobretudo a setima e a nona, não passará despercebida a significação d'ellas, de resto bem transparente. E' um protectorado e bem rigoroso, na mais restricta accepção da palavra, o que a Inglaterra acaba de impôr ao Thibet. E' talvez mesmo mais do que um protectorado, porisso que dadas certas eventualidades, previstas no artigo setimo e muito provaveis de acontecer, como o não pagamento da indemnisação e o não funcionamento dos mercados, este protectorado se converterá n'uma occupação permanente, preambulo da annexação definitiva. Compreende se porisso a irritação que semelhante tratado está causando na Russia, e diga-se a verdade, com razão sob o ponto de vista moscovita. A potencia, que ainda até ha bem pouco era hegemonica em Lhassa, exercendo incontestavel, quasi absoluta influencia sobre o Dalai Lama, vê-se repentinamente não só privada d'essa influencia, mas até excluída da região onde tão grande foi o seu poder. E' uma derrota moral tão grande, como a que soffrerá amanhã se tiver de renunciar de vez á Manchuria. Porisso, repetimos, é perfeitamente justificavel a sua opposição ao tratado imposto ao Thibet pelo coronel Youngshusband. O que não se justifica, porém, nem mesmo se explica é o papel do Amban chinês. Não só não protestou contra o tratado, mas parece que teve parte importante na sua confecção. E no entretanto, depois da assignatura de semelhante documento, onde fica a suzerania da China? O governo de Pekin limitou-se a telegraphar ao seu representante em Lhassa para que elle se esforçasse por suavisar a clausula nona do tratado, cuja summula o Amban lhe enviára previamente. E nada mais.

E' torçoso confessar que d'esta vez a Inglaterra triumphou em toda a linha, e que com um simples traço de penna ganhou tão assignalada victoria, que bem a compensa das humilhações, que a sua politica estava soffrendo na Asia.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Ha tres cousas que as mulheres de Paris deitam pela janella fóra; o tempo, a saúde e o dinheiro.

M^{me} GEOFFRIN.

Um exercito que discute, é como uma mão que quizesse pensar.

LAMARTINE.

Lanceiros 2

Lanceiros 2 honra o *Brasil-Portugal* visitando-o. Nós retribuimos a gentileza recebendo na nossa parada modesta toda a officialidade — TODA — desde o commandante até o mais moderno dos alferes, cada um no seu logar marcado pela categoria de patentes. Entre esses alferes figura um duque de Bragança. O Príncipe Real, accedendo aos nossos desejos e auctorizado pela Rainha, a Senhora Dona Maria Amélia, fez-se photographar, em grupo, com todos os seus camaradas, grupo expressamente tirado para ser reproduzido n'esta Revista.

Como não temos artilharia para salvas, nem bandeira a içar, nem saberíamos engendrar um *speech* recheado de logares communs officiaes, limitamo-nos a agradecer a amabilidade e a distincção, apertamos rudemente a mão ao commandante Costa Cabral, fazemos uma venia graciosamente acanhada ao Príncipe Alferes, e vamos pendurar o quadro bem em evidencia no nosso salão de honra.

O regimento de cavallaria n.º 2, o velho Lanceiros da Rainha, que foi mandado organizar por decreto de 30 de setembro de 1884, é um verdadeiro regimento de *élite*. Moderno embora, pode considerar-se um modelo pela disciplina e instrução — causas immediatas do garbo e do aprumo do soldado, sobre cuja educação a acção



Francisco de Assis da Costa Cabral
Commandante do regimento de cavallaria 2

intelligente e persistente do official se adivinha á primeira vista. A brandura e o rigor produziram verdadeiros soldados.

Desde a sua organização é curta a sua historia. Por decreto de 31 de outubro de 1888 foi mandado denominar regimento n.º 2 de cavallaria do Príncipe D. Carlos, e lanceiros de El-Rei por decreto de 5 de março de 1900. Fez parte da expedição á India desde 21 de maio de 1886 até 30 de setembro de 1887, e a Moçambique desde 30 de outubro de 1901 até 16 de setembro de 1902.

Foi seu primeiro commandante (1 de outubro de 84 a 2 de maio de 85, dia em que falleceu) Luiz Pereira Mousinho d'Albuquerque Cotta Falcão. Seguiram-se no commando: Manuel Alves de Sousa (15 de maio de 86 a 25 de janeiro de 88) — Antonio d'Almeida Coelho e Campos (25 de janeiro de 88 a 30 de junho de 93) — Sebastião de Sousa Dantas Baracho (1 de julho de 93 a 23 de junho de 99) — Philippe Malaquias de Lemos (de 23 de junho a 29 de julho de 99) — Leopoldo Cesar de Noronha Gouveia (de 29 de julho de 99 a 1 de outubro de 1902). O ultimo, o actual — Francisco d'Assis da Costa Cabral, que tomou posse em 1 de outubro de 1902.

Fica em aberto o nome do seguinte para quando a ambicionada fatalidade das promoções o designar. Esperam o um legado honroso e um braço de bellas tradições que ficaram dos seus antecessores.

Vem de molde transcrever do *Portugal Militar* o artigo que o nosso collaborador João Santos, illustrado escriptor militar, e nosso collaborador artistico, em tempo publicou a proposito da Educação militar do Príncipe Real. O artigo, interessante e de occasião, revela bem por si o saber e a competencia do escriptor:

É para estimar que depois de largos annos de uma paz enervante, que a pouco e pouco tem afastado a idéa d'uma lucta contra o estrangeiro, quando um príncipe nasce e cresce na paz, podendo viver no repouso e bem-estar, leve o seu pensamento até ás generosas idéas do dever, da dedicação e sacrificios.

Apesar d'algumas tentativas para que se consiga substituir o grande e indelevel amor da patria, por um outro sentimento nebuloso e vago — a que os philosophos chamam *amor da humanidade* — todos os Estados procuram aperfeiçoar e desenvolver a sua organização e valor militar de maneira que se encontre para o problema a sua unica solução — unir intimamente a vida militar com a vida nacional, de forma que a primeira contrarie o menos possível a segunda.

O serviço obrigatorio é que melhor tem resolvido a questão, fazendo que todos os homens válidos entrem para o exercito.

Os exercitos modernamente constituídos com todos os cidadãos interessados na prosperidade da patria, correspondem á idéa que se tem formado nas escolas allemãs ácerca da organização militar d'um povo civilizado. Nestas condições, é louvavel que o Principe Real procure dar o exemplo, augmentando a sua instrução militar e demonstrando um alto interesse pelo seu paiz, que foi um paiz de heroes que dominou o mundo, apesar de ter por berço um pequeno territorio. O príncipe e os seus educadores não se esqueceram de que as nossas maiores glorias e prosperidades provieram exactamente do nosso antigo valor militar e da maneira como no Portugal d'outr'ora se encarava tudo quanto dizia respeito ao exercito. Por assim dizer — nascia-se soldado e soldado se morria nos campos de batalha.

Dizia Napoleão que a guerra é uma palestra instructiva para os homens superiores, por isso que n'ella se aprende a mandar e a tomar uma resolução prompta; mas o principal na guerra como em todos os ramos da actividade humana é possuir um certo tacto, ficando fiel na execução aos principios estabelecidos, como diz o grande pensa lor Clausewitz.

Recorrendo á lição moral da grande mestra da vida, a Historia, encontramos, entre varios exemplos, o paralelo citado por dois homens de guerra, cujas victorias espalharam tão intenso brilho no primeiro periodo do reinado de Luiz XVI; — Condé e Turenne. Condé nasceu general e Turenne fez-se. O 1.º era um dos maiores capitães d'inspiração a que Bossuet chamou *illuminações*, o 2.º formou-se pela reflexão e pela lição, sempre fecunda, da experiencia.

Tem Sua Alteza o Principe Real desde muito creança, seguido com vivo interesse todos os nossos exercicios militares, mostrando sempre possuir um espirito investigador e muito acima do vulgar.

Quem escreve estas linhas, mais de uma vez teve accidentalmente occasião de apreciar as justas objecções apresentadas no decorrer do desenvolvimento dos themas d'exercicios da 1.ª divisão militar, algumas das quaes embaraçavam os mestres, que procuravam encontrar uma solução para aquelle espirito investigador e onde vae desabrochando uma lucidez e perspicacia não vulgares.

Sua Alteza, a par d'uma intelligencia superior como se revelou ultimamente no exame a que foi submettido, conserva-se fiel á maxima: *Quiconque a un coeur le sent battre plus haut et se passionne pour la carrière des armes*. Preparar-se para cooperar na defesa do territorio, é assegurar o reconhecimento da nossa nação, associar o seu proprio nome, a sua propria existencia ao nome, á gloria da Patria.

Não querendo sahir dos tempos modernos e retroceder até Gustavo Adolfo e Frederico o Grande, ficando apenas nas cinco e memoraveis batalhas das ultimas guerras, vemos que se encontraram principes de sangue em Koenigraetz, Woerth, Vionville, S. Privat e Sedan. Os principes Frederico Carlos da Prussia, general de cavallaria; o príncipe real Frederico Guilherme, general de infantaria, que, envolvendo a ala direita austriaca, fez dicidir a batalha de Sadowa a favor dos Prussianos, cavando o tumulo á supremacia da Austria; o príncipe Augusto de Wurtemberg, os principes de Saxe; o duque Guilherme Mecklembourg Schwerin; o príncipe Alberto da Prussia, operando prodigios com a 4.ª divisão de cavallaria em 1870, e muitos outros principes que estavam presentes no quartel general e que se assignalaram em reconhecimentos ousados assim como, o príncipe Carlos da Prussia, S. A. o Grão Duque de Saxe e muitos outros que encontramos anteriormente em 1806, taes como o príncipe Adalberto da Prussia, o príncipe Alexandre, S. A. Ernesto II de Saxe-Cobourg-Gotta, etc., são altos exemplos do que vimos afirmando.

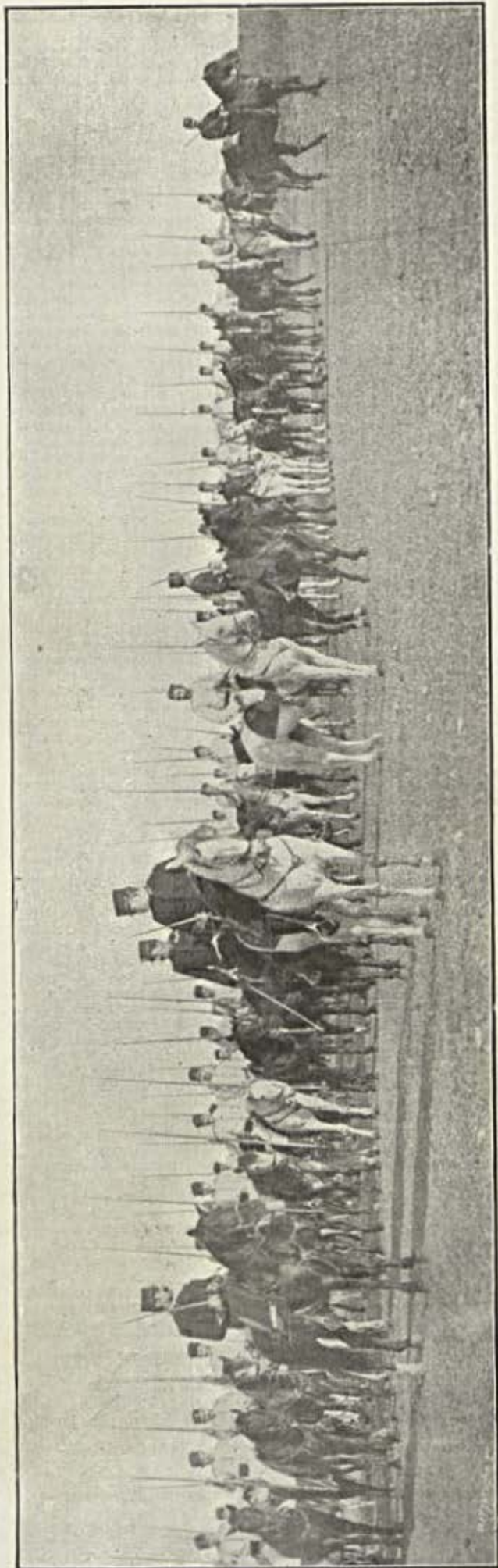
Sua Alteza o príncipe D. Luiz Philippe tem actualmente o posto de alferes da arma mais impressionante por excellencia e d'aquella cujo emprego é mais variavel e altamente artistico.

Apesar da intima ligação de todas as armas do exercito e de se terem apagado completamente os preconceitos da cavallaria nobre e chapeada de ferro, esta arma é ainda e não poderá deixar de ser sempre o principal instrumento da estrategia, formando a base de todas as concepções e de todas as operações da guerra. Assim o comprehendeu Frederico o Grande em Rosbach, Leutzen, Zorndorf e Lignitz.

Os chefes de cavallaria tem de viver n'uma atmospha vivificante e ardente. É esta a impressão sentida por todo o official que se acha collocado á frente d'um esquadrao.

A impressão é completamente differente de qualquer outra experimentada na nobre carreira das armas. A mobilidade e ligeireza da cavallaria, a especie de ubiquidade com que apparece e desaparece inopinadamente, tornam-na por excellencia a arma efficacissima da surpresa e do panico despertando em nós um grande, senão o maior sentimento de aventura e de gloria.

O príncipe, que tão bem dirigido tem sido pelos seus educadores, demonstra já, além d'uma superior cultura, uma firmeza e uma



A entrega do commando do esquadrao

correção no mando verdadeiramente militares. Ainda ultimamente, á frente do seu esquadrão, deu provas do que dizemos. Figura nobre, sem hesitações, rápido na decisão, como urge a todos que estão destinados ao alto commando — todas estas qualidades possuem já quem é não só a esperança do paiz, como d'um exercito que agora, como nos tempos recuados e gloriosos, está prompto a defender a sua Patria e o seu Rei e a espalhar o seu sangue pelo engrandecimento da terra que nos foi berço commum.

Saudamos como soldados que somos o chefe futuro e decerto glorioso e n'esta saudação vae tambem o carinho e a esperança que o paiz inteiro poz sempre em todos os principes da Casa Real de Bragança.

THEATROS

D. Amelia. — O visconde de S. Luiz de Braga e as celebridades estrangeiras — Rosa Damasceno. **D. Maria.** — A futura epoca. **Trindade.** — Torski, peças em reprise, a empresa e a imprensa. **Gymnasio.** — *Commissario de policia*, Valle, a velha guarda e os artistas novos. **Avenida.** — Peças velhas e peça nova. **Rua dos Condés.** — *Os varinos*, *Vivinha a saltar*. **Principe Real.** — *O anno em tres dias*. **Colyseu dos Recreios.** — Santos e a sua companhia.

Estão abertos quasi todos os theatros da capital mas por emquanto brilham pela ausencia... as novidades theatraes. E' certo que se está preparando uma seara abundante e que a epoca inaugurada ha poucos dias promete deixar largo registo e solidas recordações, tantas são as peças originaes que se annunciam, as *nouvelles à sensation*, os artistas estrangeiros que veem visitar nos, celebridades europeias a que Lisboa vae dar hospitalidade.

Só o theatro **D. Amelia** á sua parte está destinado a ser, em varios periodos da epoca, o throno fulgurante de todos os reis e rainhas da arte que nos não tinham dado ainda a honra da sua presença, mas que a parte mais culta da Europa tinhá de ha muito consagrado com a sua admiração e com os seus louvores. A' falta de adjectivos — todos já estafados — colossal é o unico apropriavel a esse empresario cosmopolita que se chama visconde S. Luiz de Braga, que tem o poder desigualavel, unico, de fazer curvar á sua diplomacia de *gentleman*, mais ainda que á sua vontade de ferro, as empresas mais exigentes e os artistas mais qualificados da Europa.

Mas, por isso que falamos do **D. Amelia** e da epoca brilhante annunciada para este anno, o coração ordena e a saudade impõe que antes de proseguirmos, fixemos n'este logar bem profundamente a magua de nós todos, o lucto que cobre o coração d'aquelles que mais querem á arte, pelo desaparecimento de uma estrella que illuminou cerca de quarenta annos o theatro portuguez, sem que nunca tivesse afrouxado na sua irradiação, sem que deixasse ver um signal de fadiga na sua trajectoria brilhante. Rosa Damasceno não deixa quem a substitua nem no doce, no suggestivo, no incomparavel timbre metalico da sua voz, nem nas finissimas cambiantes da sua intelligencia em tantas maneiras reveladas, nem nas qualidades eminentes do seu talento de actriz.

Os papeis que ella fazia ninguem mais os fará, porque a sua gentileza de mulher e o seu encanto pessoal tinham grande parte no exito que em todos elles obteve, nos triumphos que conquistou sem um esmorecimento, e que duas gerações portuguezas lhe tributaram sem favor. E' a inolvidavel recordação das suas noites de gloria, que encheram de clardes o nosso espirito, que hoje o enchem de luto, pondo a saudade mais profunda onde havia a admiração mais effusiva.

E, fechado este parentese desolador, falemos dos theatros abertos, que são todos, á excepção do lyrico e o de **D. Maria**, por onde este anno, como grata evocação de tradições gloriosas, vão passar os nomes consagrados da nossa litteratura dramatica, firmando trabalhos novos que o noticiario já registou e que a critica ansiosa aguarda.

Torski, um Fregoli catalão, foi o encanto das ultimas noites da **Trindade**. E' um transformista arte nova, esmaltando de fino espirito o genero difficil que explora, com exito. Constitue elle só uma abundante galeria de typos. Na sua mascara que a natureza talhou *ad hoc* dir-se-ia haver reflexos de toda a comedia humana de Balzac. Emprestando-lhe alguma coisa do seu *eu* todas as figuras que se movem na Sociedade de hoje. E não só essas, senão tambem as que já desapareceram e deixaram um grande nome como Victor Hugo, Bismark, Zola e tantas outras. Torski é além d'isso um comediante emérito, e a rapidez nas transformações que constituem o *clou* da sua arte, e a diversidade das linguas que fala a primor, são predicados de um valor tal que fizeram de Torski uma celebridade, agora apresentada ao publico de Lisboa pelo empresario Taveira, que diga-se de passagem, prestou um bom serviço á curiosidade alfacinha.

Os frades mostenses, *Os tres dragões*, *Os trinta botões*, e não sabemos se mais alguma são as peças que o theatro nos tem dado em *reprise*, tão conhecidas das plateias que d'ellas não ha que falar.

A reaparição da actriz Rentini e do actor Corrêa, festejados pelo publico, merece especial registo n'esta columna, onde tantas vezes tem figurado os nomes e os artistas d'aquelle theatro, á frente dos quaes, no seu logar de honra, conquistado pelos applausos de umas poucas de gerações, brilha impavido, sempre fresco, sempre moço, o velho Queiroz. E é occasião para exultarmos por vermos que a tempo se passou uma esponja sobre dissensões que não tinham razão de continuar a existir entre a **Trindade** e a imprensa. De ambos os lados se comprehendeu que entidades irreconciliaveis apenas são aquellas

que uma aggressão intencional ou um proposito offensivo um momento scindiu e separou. Posta de parte a hypthese de um agravo, e ficando de pé um *mal entendido* apenas, a conciliação estava indicada e merecem louvores os que deram prova de justiça e de bom gosto levando-a a effeito. Lá tem estado *O Commissario de Policia* no **Gymnasio** e o Valle em scena. Quer dizer: se não fosse a cara lavada do theatro, a renovação da sala, o panno de boca *signé* Machado, julgar-nos-iamos transportados a essas noites inolvidaveis em que o espirito effusante de Gervasio, e a arte do seu maior interprete, e os phreneticos applausos de um publico inteiro, incondicional admirador de ambos, faziam d'esse theatrinho elegante o ponto de reunião obrigado onde iam todos ligar-nos na mesma communhão d'espirito, esquecendo durante algumas horas da noite as sensaborias que a muitos de nós tinham enegrecido as horas eternas do dia. Parece que como herança d'essas noites nos ficou ainda, lá dentro, o Valle com a sua graça sempre remocada, e a Barbara e a Jesuina, que estão deslocadas, fóra do seu meio, n'um palco, que não seja aquelle, e o Cardoso, que nasceu para eterno escrívão do commissariado, e o Ferreira e a Virginia Farrowca, que estão n'aquelles papeis como nós em nossa casa, e que, cá fóra, nos ficou apenas... o Sant'Anna.

Sobre o theatro paira a sombra luminosa do Gervasio; o Leopoldo, esse foi de hontem, é de hoje, hade ser de amanhã, porque elle e o **Gymnasio** hão de desaparecer da face da terra no mesmo dia, e só falta para que seja completa a illusão, para que nos surja sem uma falha a visão do passado, a figura esguia do Pinto, que era como que a velha bandeira da casa, a cuja sombra se abrigou mais de uma geração de publicos e de artistas.

Comtudo, entendeu e bem o actual empresario do **Gymnasio** que assim como não é só do pão que vive o homem, tambem o publico não vive só do passado. E á luz d'esse criterio encheu de elementos novos o velho theatro.

Assim deu logar a que já revelassem as suas aptidões duas actrizes incipientes Laura Ruth e Deolinda Campos, e um rapaz muito moço, Augusto Machado que ás suas primeiras armas se sahio com galhardia de um pspel de confronto. D'elle pode escrever-se mais uma vez o velho chavão: foi uma estreia auspiciosa.

Do **Gymnasio** damos um salto ao **Avenida** e lá encontramos dois nomes dos mais laureados e queridos do publico e que são uma absoluta garantia de exito: Palmyra Bastos e Alfredo de Carvalho. Ao leme do barco lá está erecto, firme como velho timoneiro, o Sousa Bastos. Agrupam-se em torno d'elles uma tripulação experimentada, de que fazem parte figuras que já conquistaram popularidade como a Emilia Eduarda, o Roldão, Antonio de Sá, Grijó, Miranda, Maria Santos e outros.

Com estes elementos e com as peças que estão em scena como a *Boneca*, o *Periquito*, os *Dragões de Villar*, e aquellas que se annunciam, para quaes um escriptor de talento, Cunha e Costa, dá o seu contingente com um original *A Fidalguinha*, escripta para Palmyra, não ha empresa que sossobre, navio que deixe de attingir o posto desejado. E a empresa Sousa Bastos entrou com pé direito.

E a **Rua dos Condés**! Lá está toda garrida com a sua illumination electrica, e os seus muitos melhoramentos, entre os quaes se não deve occultar que occupa o primeiro logar a nova empresa Portulez. Foi ella com effeito um melhoramento para o theatro, porque o refex de alto a baixo. Para abrir escolheu uma operetta *Os varinos*, original do sr. Raphael Ferreira, já experimentado n'este genero theatral. Peça popular, abundante em typos e em peripecias, consagrou-a o publico que todas as noites a applaude calorosamente. Completam-na o scenario de Carrancini, a musica de Thomaz Del Negro e o desempenho. Depois d'esta reprise, a *Vivinha a saltar*, em que se salienta a graciosa actriz Mercedes Blasco.

Deu em cheio o **Principe Real** com a revista em tres actos, *O anno em tres dias*, de Machado Correia e Acacio Antunes. Dizer-se que é um trabalho perfectissimo, uma revista ao mesmo tempo caustica e delicada, cheia de interesse e de graça, uma obra prima no genero, em summa, não é fazer-lhe sombra de favor porque lhe são devidos todos os louvores. *A tout seigneur toute honneur* e é por isso que n'ella occupam dois logares de honra o José Ricardo e a Loppicco. Para o colossal successo da revista são elles, depois dos auctores, os que mais largamente contribuem.

O luxo do guarda-roupa, o desempenho geral, a formosa scenographia, e a musica inspirada de Filipe Duarte deram tal realce ao trabalho dos dois espirituosissimos escriptores, que hoje em Lisboa só tem importancia e valimento quem obtiver um logar... na plateia do **Principe Real**.

Fecha esta resenha com chave de ouro o **Colyseu dos Recreios** que abriu com uma enchente colossal. E de tal ordem foi o agrado da companhia que em noites quasi mortas para os theatros, e até n'uma *matinée* em dia de semana — caso novo — o publico, como se faltasse a um jever fazendo o contrario, encheu a sala. E' que o empresario Santos comprehendeu de ha muito que bom e barato são coisas que se não ligam e que o exito, ou de gloria ou de dinheiro, tem de ser proportional aos sacrificios que para o obter se empreguem. Por isso elle porfia, de anno para anno, em apresentar ao seu publico, que tambem de anno para anno parece augmentar, o que de melhor apparece no extraangeiro, o que mais caro e mais aclamado encontra nos principaes circos e *Folies Bergères* de Londres, de Berlim, de Madrid ou de Paris. Por isso timbra em fazer desfilar aos nossos olhos e deante das nossas palmas, novidades sensacionais como o *Turbilhão humano*, os *elephantes*, m.¹⁰ *Ada Bell* nos seus elegantes exercicios de força dental, a *troupe* Illerom's acrobatas sobre globos, clowns de incomparavel graça, e gymnastas aereos e equilibristas e... *J'en passe et des meilleurs*.

Este enorme serviço ás noites sornas de Lisboa agradece-lh'o reconhecido o publico, fazendo com que a cada spectaculo corresponda... uma enchente.

JAYME VICTOR.

CHAVOES



— «Faltaria ao mais sagrado dos deveres...»



— «Meus amados irmãos! O jejum... a mortificação da carne...»



— «.....» (Vibrações de entusiasmo no auditorio, como se vê).

S. Paulo — Brasil — Setembro 1904.